



N.º 386

TIPO DE BELEZA BRITANICA

Lisboa, 14 de Julho de 1913

Director e Proprietario: J. J. DA SILVA GRAÇA  
 Editor: JOSÉ JOBERT CHAVES

Redacção, Administração, Ofic. Com-  
 posição e Impressão—RUA DO SÉCULO, 43

*Ilustração*  
 PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL  
 DO JORNAL  
 O SÉCULO

ASSINATURA PARA:

Portugal, colónias por- tuguezas e Hespanha	Ano.....	48500
	Semestre....	28400
	Trimestre...	18200

# LANCE A SUA FUNDA AO FOGO

Milhares de pessoas são curadas completamente e abandonam as suas Fundas

Todas as importantes descobertas em communição com a Arte de Curar não são feitas por pessoas místicas. Existem excepções e uma d'ellas é verdadeiramente a maravilhosa descoberta feita por um intelligente e habil velho, William Rice. Depois de ter soffrido durante bastantes annos, de uma hernia dupla, a qual todos os medicos declaravam ser incuravel, decidiu-se dedicar toda a sua energia em tratar de descobrir uma cura para o seu caso. Depois de ter feito toda a especie de investigação velu por casualidade deparar com o que precisamente procurava e não só pôde curar-se a si proprio completamente, assim como a sua descoberta foi pruvada em todas as classes de hernias com o maior resultado, pois ficaram todas absolutamente curadas. Talvez que V. S.<sup>a</sup> já tenha lido nos jornaes algum artigo acerca d'esta maravilhosa cura. Que V. S.<sup>a</sup> tenha já



Cure F. S.<sup>a</sup> a sua hernia e lance a sua Funda ao fogo

Hio ou não, é o mesmo, mas em todo caso certamente que se alegrará de saber que o descobridor d'esta cura offerece-se enviar gratuitamente a todo o paciente que soffra de Hernia, detalhes completos acerca d'esta maravilhosa descoberta, para que se possam curar como elle e contentar de outros o mesmo. A Natureza d'esta maravilhosa cura effectua-se sem dor e sem o menor inconveniente. As occupaões ordinarias da vida seguem-se perfeitamente emquanto que o Tratamento actua e CURA completamente—não dá simplesmente allivio—de modo que as fundas não se tornam necessarias, o risco de uma operaçaõ cirurgica desaparece por completo e a parte afficta chega a ficar tão forte e tão sã como antes.

Tudo estã já regulado para que a todos os leitores d'este jornal, que soffram de hernias, lhe sejam enviados detalhes completos acerca d'esta descoberta sem equal, que se remette sem despesa alguma e confia-se que todos que d'ella necessitem se aproveitarão d'esta generosa offerta. E' sufficiente encher o coupon in cluso e enviar-o pelo correio á direccão indicada.

### COUPON PARA PROVA GRATUITA

WILLIAM RICE (S 944), 8 & 9, Stone-cutter Street, Londres, E. C., INGLATERRA.

Nome.....  
 ndereç.....

# Para que = viver? =

triste, miseravel, preoccupado, sem a nor, sem alegrias, sem felicidade quando é tão facil obter FORTUNA, SAUDE, SORTE, AMOR CORRESPONDIDO, GANHAR AOS JOGOS E LOTERIAS, pedindo a curiosa brochura GRATIS do professor YNALO, 35, BOULEVARD BONNE NOUVEILLE — PARIS.

# ALEXANDERWERK

## MAQUINAS E UTENSILIOS DOMESTICOS

### PARA CASA E COSINHA

Maquina para picar carne e legumes, Sorveteiras, Balanças domesticas e para pesar pesseas, Raladores para amendoas e pão, Molinos para cafe, Prensa para extratos, fruta e limões, Maquinas para limpar facas, etc. Frenas para copiar, de ferro fundido ou forjado.

ALEXANDERWERK, A. von der Nahmer, Soc. An. Remscheid (ALEMANHA)

(2.000 operarios e empregados)

A' venda em todas as boas lojas de ferragens e utensilios domesticos  
 Representante: F. ISSEL-LISBOA



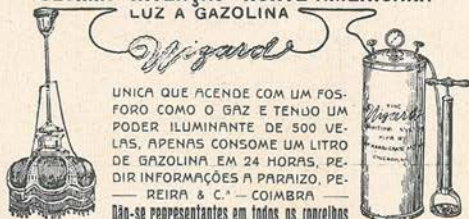
Dr. Bengué, 47, Rue Blanche, Paris.



Venda em todas as Pharmacias

## ULTIMA INVENÇÃO NORTE-AMERICANA

LUZ A GAZOLINA



UNICA QUE ACENDE COM UM FOSFORO COMO O GAZ E TENHO UM PODER ILLUMINANTE DE 500 VELLAS, APENAS CONSUME UM LITRO DE GAZOLINA EM 24 HORAS. PEDIR INFORMAÇÕES A PARAIZO, PEREIRA & C. — COIMBRA  
 Dão-se representantes em todos os concellos

# Ourivesaria "CHRISTOFLE"

Fabrica só uma Qualidade

## A Melhor

Para obtel-a exigir esta Marca

e tambem o nome CHRISTOFLE em cada objecto.



# Seda Suissa

de porte a domicilio  
 Ult mas novidades em sedas para Vestidos e blus e bem como em vellosos e peluchos. Pedir as nossas amostras francas  
 Schweizer e Ca., Lucerne E 12  
 (Suissa)

# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

N.º 386

14-7-1913

## DIL-LOMACIA:

Desde o dia em que a Bulgaria, a Grecia e a Servia se uniram para combater a Turquia, estavam previstas, pelas leis inflexiveis da



historia, as sangrentas lutas que se travam agora entre os vencedores. Não é o espolio do vencido que os tres corvos coroados disputam; é a hegemonia balkanica, flutuante perante o poder, sensivelmente igual, dos estados aliados. Mas o que torna mais singular a presente colisão é o carácter paradoxal das relações entre os paizes em luta. Servios e bulgaros batem-se, com uma violencia barbara; levantam-se, uma contra a outra, duas florestas de ferro; as baixas contam-se por milhares; correm ondas de sangue,—e, entretanto, as relações diplomaticas mantem-se, as legações sorriem, os gabinetes afirmam que se vive na melhor paz do mundo. Debalde as chancelarias se interrogam sobre o enigma balkanico. Até hoje, foi o gabinete de Vienna que bateu o record do espirito, definindo a situação n'uma nota ás potencias:—«Não ha guerra; apenas os servios e os bulgaros se exterminam na fronteira».

## O MINISTERIO DA INSTRUÇÃO:

A criação do ministerio da Instrução impunha-se como uma necessidade urgente. Mas para que da sua criação resultassem todas as vantagens que é licito desejar, seria preciso que a unidade e a continuidade da acção governativa não fossem prejudicadas pelas contingencias e pelas flutuações ministeriaes,—quer dizer, que a pasta da Instrução não fosse considerada uma pasta politica. De contrario, succeden-



do-se os ministros a cada mare partidaria, e dada a rapidez e a frequencia com que os governos se gastam e se substituem nos regimens democraticos, é talvez justificado o receio de que a larga obra de organização e de coordenação a realisar nos servicos da instrução nacional, venha a resentir-se da acção fragmentaria, episodica e discontinua dos muitos homers que, num curto lapso de tempo,

os acasos da politica hão-de fazer passar pelas cadeiras do poder.

## UM MUSEU CAMILIANO:

Portugal nunca teve o culto dos seus grandes homens. Foi essa sempre uma das mais dolorosas falhas do nosso sentimento nacional. Por toda a parte as cidades se coroom de estatuas de sabios, de artistas e de poetas; por toda a parte se convertem em museus as casas em que os grandes homens viveram. Agora, é o comité da Haya que compra a casa que Spinoza habitou em Rijnsburg, de 1661 a 1664, e funda o Museu Spinoza; logo, é o marquez de la Vega Inclan que adquire a casa em que Doménicos Theotocópuli viveu em Toledo, e institue o Museu Greco; quando não é o Estado, são as iniciativas particulares, por toda a parte fecundas, que honram a memoria dos grandes filosofos e dos artistas supremos. Entre nós, nada d'isso succede. A cela que frei Antonio das Chagas habitou no Varatojo, piedosamente conservada desde



o seculo XVII, foi ha pouco destruida. A casa de S. Miguel de Se. de, em que Camilo viveu quasi trinta anos e onde se encontra, intacto, o quarto do grande suicida,—está ainda á espera de que o Estado ou a iniciativa particular a converta em museu camiliano, e esperaa, decerto, até que os seus telhados abatem, e que as suas paredes, sagradas para nós, caiam em ruinas.

## SUA ALTEZA A MODA:

Tem-se dito as peores cousas d'essa ditadura amavel que a moda exerce entre a gente civilisada. Tem-se censurado amargamente a ausencia de carácter pratico de todas as modas, desde as que se perdem na névoa dourada dos tempos, como o chapéu alto e a cabeleira de rabicho, as moscas de tafetá e as saias de balão, até ás extravagancias modernas que correm mundo sob a responsabilidade elegante dos Leon, dos Riboux ou dos Paquin. Com effeito, á excepção da saia aberta e do chapéu *en la non main*, de manifesta utilidade para a mulher enganar o melhor possivel o homem,—a moda foi sempre a negação formal de todo o espirito pratico. Felizmente, a reacção parece começar a acentuar-se. As novas formas do espartilho, descomprimindo o ventre, prometem á mãe moderna a heroica fecundidade de Hécula; e a moda de guardar com frutos naturais os vestidos de passeio das mulheres bonitas tem pelo menos, além do encanto do fruto prohibido a vantagem



de oferecer um maravilhoso lunch ás pessoas das suas relações.

Ilustrações de Manuel Gustavo.

JULIO DANTAS.

# Os moleiros



Os dois moleiros tinham saído ante-manhã, com os machos carregados de sacos e talegos de farinha, para distribuir as fornadas da semana pelos seus freguezes dos arredores.

Era um casal em plena mocidade. Ele, o Bento, tornára-se conhecido em todo o Minho pela pericia com que, em festas e romarias, dedilhava no seu harmonium de dez chaves; a mulher, a quem chamavam a «Tereza Cantadeira» pela fama das suas cantigas, era tambem uma estrela dos ranchos alegres do logar, e nunca fóra vencida em desafios ou desgarradas.

Desde creancinhas, ambos se tinham fortalecido n'aquela ingrata vida de moleiros de aldeia, sempre por montes e vales ao lado das cavalgadas duras ajouçadas de carga, deixando aqui um alqueire de farinha maquiada, levando de além outro de milho para moer, e tendo apenas, durante um dia inteiro, algum raro descanso em casa dos freguezes abastados que lhes pagavam com um copo de agua-pé ocasionaes serviços de recovagem, ou em certas tabernas de que os machos não despégavam sem lhes darem a sôpa de vinho a que estavam habituados.

N'aquela sabado de setembro, quando saíram do moinho, ainda no alto azul da noite estrelada, não havia o menor reflexo da claridade da manhã que, por detraz dos altos montes de leste, devia estar prestes a emergir como maravilhosa nascente de ouro. O solo estava lamacento, porque durante todo o dia anterior uma d'essas bruscas trovoadas equinociaes, que no Minho são frequentes, fustigára a região com uma chuva pesada e persistente. Ao lado, o regato que fazia girar as duas unicas mós do moinho, corria grosso e fragoroso sobre o seu aspero leito de penhas.

—Vamos ter sol!—prognosticou o Bento, examinando o céu estrelado e sem nuvens, enquanto dava a ultima volta ao arêcho que apertava a carga de um dos machos.

A mulher, ao lado, sentada em uma pedra, tinha nos braços um pequenino sêr, gordo e rosado como um menino Jesus, que lhe sugava vorazmente o seio, agitando de gôzo as perninhas nuas,

insensíveis ao frio da madrugada. Era o mais novo dos seus três filhos; tinha dois mezes apenas. Joaquim, o mais velho, de cinco anos, ajudava o pae, segurando as arreatas dos machos; o outro, que era uma rapariguinha de quatro anós, alumia a cena, erguendo acima da cabeça desgrenhada e enfarinhada uma candeia denegrada pelo fumo e pela ferrugem, cuja chama avermelhada vacilava á viva aragem matutina.

—Despacha-te, mulher, que se faz tarde!—exclamou por fim o Bento, cansado de esperar.

Ela apertou mais contra o seio a cabeça da creança, e respondeu:

—Temos tempo. Deixa-me fartar bem o anjinho.

O moleiro não replicou, mas pouco depois a sua impaciencia começou a manifestar-se. A pretexto de equilibrar as cargas, entrou a martirisar os pobres machos que a custo se aguentavam sob o acervo de sacos que lhes haviam encastelado no lombo; depois, derrubou com um pontapé brutal o filho mais velho, por ele ter chicoteado furtivamente, com a ponta da arreata, uma das cavalgadas.

Estes incidentes de mau agouro apressaram Tereza, que subtraiu finalmente o seio aos labios do filho já sonolento.

—Pronto!—disse ella, erguendo-se.

Reentrou no moinho, depôz a creancinha em um sesto afogado de palha, cobriu-lhe as pernas com um taleigo vasio, e saiu de novo, descalça, enfaixando as saias.

O marido, apenas a viu reaparecer, tomou a arreata de um dos machos, e poz-se a caminho; Tereza, porém, antes de partir, fez as ultimas recomendações aos filhos maiores: para eles ficava na lareira um pucaro com caldo e na maceira um bom naco de borôa; para o pequenino, uma sôpa pão alvo e uma mamadeira de marmelada. As suas ultimas palavras foram de ameaça; mas as creanças, já habituadas áquella tatica, não se intimidaram.

Quando raiou o dia, os dois pequenos, deixando o irmãosito a dormir no cesto enfarinhado onde

a mãe o deitára, vieram para fóra em busca de um divertimento. O regato, cada vez mais caudaloso e empolado, atraiu longo tempo a sua atenção. Os saltos da agua nos pedregulhos do leito, o fragor da corrente e, por ultimo, os objetos que aquele caudal de inundação principiava a carrear, feixes de palha, velhas madeiras, carolos de milho, utensilios agricolas, encantavam-nos como espectáculo novo. O rapaz, temerario, logo que viu rodopiando na torrente tantas coisas aproveitaveis, intentou apoderar-se d'ellas, lembrando-se de ouvir um dia seu pae gabar-se de ter assim arranjado lenha para queimar durante todo o inverno, por occasião de uma grande cheia.

—O que é preciso é uma vara...—raciocinou a pequena.

—E com uma gancha!—acentuou o rapaz, com autoridade.

Era um caso difficil. O pae tinha uma vara excelente para a facanha, de que se servia com frequencia na pesca das trutas, em que era emerito; mas essa estava impoleirada nas traves do moimho, em altura inacessivel... Depois de meditar um instante, o rapaz falou outra vez com arrogancia para a irmã:

—Corre a casa pela foice. Vamos á bouça!

O moimho, dependencia d'uma antiga quinta senhorial, tinha sido construido no fundo d'uma encosta bravia, de mato e pinheiros. Era um casebre já bastante arruinado, mas conservando

ainda claros vestigios da sua nobre origem de moimho particular. Nas paredes, que uma rede de heras viscosas quasi cobria as guarnições da porta e dos postigos, as cornijas e os cunhaes, revelavam ainda o esmero da construção; mas o que sobrelevava a todo esse luxo de arquitetura rural, era a rampa de cantaria lavrada que descia, quasi a pique, entre dois paredões, e se sumia sob um arco abatido tallado na base do moimho. Era n'esse profundo resvaladouro que as aguas do rio se precipitavam, cachoando, quando se pretendia pór em movimento o primitivo maquinismo do engenho. Um largo rego empedrado, que uma dupla sebe de salgueiros orlava, canalizava as aguas para o moimho, utilizando habilmente uma curva do rio, a alguns metros de distancia, onde uma comporta grosseira, de velhas tabuas mal pregadas, regulava a entrada da torrente. Entre este canal e uma ladeira bravia, lacerada por enxurros ancestraes, corria o caminho rodeiro que dava acesso ao moimho.

Os dois filhos mais velhos do moleiro, tendo escalado a rampa, erraram largo tempo pelo pinhal contiguo, tentando derrubar á foçada, primeiro um pinheirinho tenro que erguia as suas agulhas de desmaiado verde á sombra protetora das velhas arvores; em seguida, um rebento de cerejeira brava que lhes pareceu menos resistente; e por fim, depois de terem ferido mortalmente algumas pobres plantas em pleno vico voltaram de novo ao moimho, accossados pela fome, sem nada trazerem consigo além de uma verdasca de olmo e algumas amoras sem frescura.

O rapaz, em casa, fez a partilha das provisões; e, como o pequenito perneava no cêsto, chorando com ancia, os dois irmãos fizeram-no engulir á pressa umas sôpas de pão trigueiro, metendo-lh'as na boquinha faminta com os dedos sujos, depois de as esponjarem gulosamente n'um simulacro de prova.

Durava ainda o festim, quando sentiram a agua correr com ruido na rampa do moimho.

—Olha a agua!...—disse o rapaz.—Quem abria o pijeiro?

E ambos, curiosos, correram para fóra, mordendo uma côdea de borôa.

A agua corria, com efeito, cobrindo já todo o fundo do canal. A corrente do rio, engrossada pelo enxurro das montanhas, tinha aumentado assustadoramente; e a comporta do rego, combatida pela agua revolta, subia e descia nas calhas lateraes, desconjuntando-se a cada novo abalo.

—Arrombou-se!—explicou o Joaquim á irmã, verificando o desastre.

Instantes depois, desembaraçada definitivamente d'essa fragil barreira, a agua inundou todo o rego, com o impeto de um vagalhão, e precipitou-se na garganta do moimho. Dentro, as mós começaram a girar, sacudindo com um ruido de taramela o adelhão vazio; mas, pouco depois, o seu movimento foi afrouxando lentamente até cessar por completo. Os ramos sêcos, as lascas de madeira, a palha e as silvas que o rio incessantemente arrastava, precipitados no fundo do moimho, depois de se enovelarem em volta das entrosas, tinham dificultado pouco a pouco a passagem das aguas que cachoavam na rampa, até a vedarem totalmente.

Inconscientes do perigo, debruçados em um postigo, os dois pequenos viam com espanto subir, de minuto a minuto, a agua turva que se empocava na garganta do moimho. Um gato morto, que appareceu rodopiando na corrente, divertiu-os tanto que vieram para fóra com esperanza de o poderem examinar mais de perto.

—E' um cachorro!—teimava a rapariga, alvejando o cadaver com uma pedrada.

—Não; é um gato!—sentenciou o rapaz. E acrescentou logo, com superioridade:—Um cachorro é um bicho mais gordo.

Mas de subito ambos se retraíram n'um movimento de alarme. A agua tinha enchido já toda a garganta do moimho, e, á mingua de desagadouro natural, trashedorava do rego, inundando o caminho onde

os dois pequenos folgavam. Eles assustados pela primeira vez, logo galgaram, atravez dos sulcos das antigas enxurradas, a ladeira que os separava do pinhal. E lá do alto, na orelha da mata, emudecidos por um terror ainda mal definido, viram a agua alagar rapidamente o caminho e entrar affnal pela porta do moimho que eles tinham deixado aberta.

—E o Toninho?—clamou de subito a rapariga.

Toninho era o nome familiar da creancinha que ficara a dormir no seu cesto afogado de palha, dentro do casebre onde a agua entrava sempre... A evidencia do perigo desvairou-os então.

—Ai, que ele morre afogado!... Ai, que a mãe mata-nos!...

Chorando, aos gritos, olharam em volta, buscando ansiosamente alguém que lhes valesse. Longe, muito para lá do rio, na estrada que serpava na lomba da montanha, dois trabalhadores seguiam fatigadamente atraz de um carro de bois, que rangia sob uma enorme carga de mato.

As creanças gritaram:

—Quem acode!... Quem acode!...

Mas debalde! As suas vozes debéis perdiam-se no rumor da agua que cachoava nos pedregaes do rio—irmã d'aquela que silenciosamente, como uma cobra, entrava cada vez mais grossa no velho moimho sem defesa.

Já tinha a noitecido quando o Bento e a mulher regressaram da sua peregrinação, com os machos



carregados do milho que deviam moer durante a nova semana. O moleiro, á frente, alegrado pelas copiosas libações do dia, cantava ao desafio comsigo proprio, alternando a sua voz potente de barítono com um aspero falsete feminino; a mulher, que o seguia fatigada, ora lhe esfriava as expansões líricas com alguma palavra repreensiva, ora deixava esfusiar livremente o riso provocado pela extravagancia das cantigas.

Quando entraram no longo atalho que conduzia ao moinho, logo lhes causou estranheza a agua que o enlameava.

—D'onde viria esta agua?—murmurou Tereza.

O Bento, sempre malavindo com vizinhos, sacudiu os hombros.

—Do céu não caiu ella! Isto foi levada que soltaram para aqui...

Mas quanto mais avançavam, mais a agua aumentava. Aquilo começava já a inquietá-los. O Bento, arregaçando as calças enfarinhadas sobre as pernas nuas, disse para a mulher, n'um assomo de colera:

—Queres vêr que o demo do rapaz abriu o píjeiro?!

—Creenças!...—respondeu a Tereza, com uma entoação de desculpa.

Estavam já perto do casebre—e, ao lado do caminho, no profundo rego que canalizava o rio para o engenho, uma agua crespa e sussurrante trasbordava, rasgada pelas hastes finas dos salgueiros. Os dois moleiros, já com a agua pelo joelho, tremiam. Em frente d'elles, á claridade da lua que pouco antes emergira da sombra ondulada das montanhas de leste, só viam como que a superficie d'um lago sinistro, onde o arripio da corrente acendia fugitivos reflexos...

Ao fundo, o moinho parecia subvertido por um cataclismo.

—E' uma a cheia!—murmurou o Bento, com ar idiota.

A mulher, abandonando o macho, lançou-se para a frente, desesperada:

—Jesus! Jesus! E os peques?... Ai que eles afogaram-se!

E desvairada, já quasi sem esperança, chamou:

—Joaquim!... Maria!...

Em cima, na mata sobranceira ao caminho, houve um rumor. Ella tornou a chamar, anciosa:

—Joaquim!... Maria!...

Um grito saiu então da obscuridade:

—Mãe!...

—Onde estaes? Onde estaes?...

—Aqui, na bouça!...

Era a voz do rapaz que respondia. A mãe cambaleou, estontada, com a mão sobre o coração, mas o seu sobresalto não se desvaneceu.

—A Maria também ahí está?—perguntou ainda?

—Estou...—respondeu uma vozinha debil.

—E o menino?...

As creanças não responderam. Inquieta, a moleira repetiu a pergunta:

—Não ouvistes?... E o menino?..

—Não sabemos!...—murmurou afinal o rapaz, com a voz tremula de susto.

Aquelas palavras, depois da alegria que a tranquilizara ao ouvir a voz dos filhos, atordoaram-na como uma pedrada em pleno peito.

—Ai, que deixaram morrer o anjinho!—exclamou, angustiada, avançando resolutamente, através da agua negra, para a porta do moinho.

—Mulher, toma tento!—rosnou o Bento, emparvecido, seguindo-a.

O interior do moinho era como um lago tenebroso, d'onde apenas emergiam as adelhas enfarinhadas. Roupas, pedaços de madeira, os moives toscos do seu pobre lar, até a velha maceira, boiavam naquella sinistra agua de inundação. Mas, apesar de terem os olhos habituados á obscuridade, nenhum dos moleiros distinguia claramente esses objetos dispersos; tudo aquilo não era mais que manchas indecisas, veladas e deformadas por um misterioso ambiente de catastrophe.

—Bento!—chamou por fim a mulher, desfalecida. —Vê se acendes a candeia!... Ficou pendurada na prateleira... A agua não chega lá...

Ele não respondeu, mas o rumor da sua passagem através da agua, ouviu-se distintamente no silencio da noite.

—Achaste?—perguntou Tereza, impaciente.

Ele demorou a resposta. Por fim disse:

—Achei. Os lumes?

—Estão ao lado, na prateleira...

Quando a luz vermelha da candeia iluminou aquele quadro de desolação, a moleira, como se um pensamento fixo a dominasse, correu para um dos cantos do casebre—e quasi mergulhou, revolvendo o fundo das aguas com as mãos avidas. Era ali que tinha ficado a creancinha; mas, por mais que procurasse, não encontrava sequer vestígios do cesto que lhe servia de berço. Dilacerada pela dor, sentindo-se morrer, não desistia—e curvada, gemendo, revolvia sempre o misterio das aguas assassinas, quando de subito uma exclamação do marido lhe fez erguer a cabeça.

—Oh, Tereza!... Oh, Tereza, olha!... Com a candeia erguida em uma das mãos, o Bento apontava com a outra para um corpo esbranquiçado que boiava na agua turva com um brando movimento circular. Ella, sobresaltada por um presentimento, precipitou-se para a frente, e á luz fumarenta viu—oh, viu claramente!...—deitado no cesto que a farinha e a palha tinham calafetado como um barco, e que como um barco boiava, o seu filho, semi-nú, sugando com a sofreguidão de quem defende a vida, os restos da mamadeira de marmelada, e agitando no ar, com evidente deleite, as perninhas gordas.

—Meu filho! Meu menino!...—exclamou, colhendo entre beijos avidos a creancinha nos braços.

E logo, como para tomar plena posse d'essa vida que lhe pertencia, desabotoou o corpete encharcado, e introduziu na boquinha desdentada que lhe sorria o bico do seio tumido.





1. Gomes Leal, a quem foi oferecida a homenagem.—2. Eugenio de Castro, o autor do soneto.

## Pesca Imperial

Pesca no Tibre o Imperador. A cana,  
Como tambem o anzol, é d'ouro fino  
E de purpura a linha. Tigellino,  
De Nero aos pés, dos seus aneis se ufana.

Do rio á superficie baça e plana  
Nem uma ruga só. No ar cristalino,  
Demandando os ciprestes do Aventino,  
De rôlas foge alada caravana.

É morno o dia. A natureza dorme...  
N'isto, entésa-se a linha fugidia,  
E, co' a fronte apoplectica, vermelha,

Nero puxa, glorioso: um peixe enorme  
Vae decerto apar'cer! Mas — que ironia! —  
O que o anzol traz é uma sandalia velha.

*Soneto extraído do livro «Des Sonetos» escrito em homenagem ao grande poeta Gomes Leal por outros tantos dos seus cotegos.*

# Uma Elegante Festa de Sport em Roma



O *Aereo Club de Roma* promoveu ultimamente uma festa de sport elegantissima para comemorar, solememente, a primeira ascensão livre do Fides VI, balão de 1250 metros de cubagem.

No Prado, onde se realizou a ascensão, reuniu-se a melhor sociedade de Roma, que mostra sempre grande entusiasmo e interesse por taes espectaculos. Em Italia até os politicos militantes da opposição (naturalmente para não ficarem atraz de Vitor Manuel III) evidenciam *afecion* por este genero de sport, que entrou positivamente na moda.

Não ha muitos dias ainda voaram sobre Roma, em aeroplano, os valentissimos deputados socialistas Bissolati e Treves, sendo as ascensões tambem organisadas pelo *Aereo Club*, seguindo-se-lhe, no mesmo dia e igual-



1. Algumas das illustres e gentilissimas damas que assistiram á festa organisada pelo *Aereo Club* para comemorar a ascensão livre do Fides VI — 2. Poucos minutos antes da partida do Fides VI, o piloto e os passageiros fazem-se fotografar.

mente em aeroplano, os aristocratas srs. Don Giulio Torlonia e Don Mario Colonna, que devassaram, intrepidos e felizes, o céu do chamado Agro Romano.

Na recente ascensão do Fides VI tomaram parte o sr. capitão Di Benedetto, como piloto, os srs. Don Giulio

Torlonia e Stanislao Folchi-Vici, como representantes do *Club*, e um cronista do *Giornale d'Italia*, como simples passageiro... e fotografo.

No momento em que o Fides VI, já completamente emancipado de todas as peias, se ia pouco a pouco elevando nos ares, ouviram-se os bravos e as palmas da enorme multidão de curiosos que acudira ao Prado e os *hurrahs* dos socios do *Aereo Club*, manifestações que os illustres viajantes correspondiam agitando, com frenesi, pequeninas bandeiras das cores na-



cionaes italia-  
nas.

A cerimonia do *batismo* do Fides VI revestiu extraordinario brilhantismo, porque toda a Roma aristocrata e *rafinée* ali deu *rendez-vous*. De madrinha serviu a sr.<sup>a</sup> princeza Colonna di Stigliano, uma das mais nobres damas patricias; e ao sr. capitão Mina coube a honra de suspender na ré-

de exterior do balão, o estandarte tricolor do Club.

As nossas gravuras registam aspectos da maravilhosa ascensão do Fides VI, que serviu também, como já dissemos, de pretexto para uma admiravel festa mundana, cheia de animação e de brilhantismo.



A concorrência no prado onde o Aereo Club de Roma promoveu a primeira ascensão livre no Fides VI



Algumas damas fazendo os preparativos para a cerimonia do batismo do Fides VI—(Clichés de Ditta Pietro)

# A exposição de trabalhos femininos na Escola Normal de Lisboa



1. Um aspeto da exposição e algumas das expositoras—(Clichés de Benoliel)



2. Um trecho da exposição  
3. As expositoras no pátio da escola



apreço vendo-se n'aquelle  
certamen trabalhos de  
lvores femininos que  
honram não só as suas  
autoras mas a forma  
como n'aquelle  
le estabelecimento  
é minis-

A exposição de trabalhos das alunas da Escola Normal foi por todos os motivos digna do maior

trado o ensino pratico de tanta utilidade e de tanta perfeição artistica.

# Telegrafia Sem Fios

A Telegrafia Sem Fios e o nosso serviço Radiográfico de Campanha

dermo ramo da eletrotécnica: a Telegrafia Sem Fios. Ela apresenta-se-nos como um dos mais notáveis êxcs da brilhante cadeia de admiráveis conquistas de ordem técnica que assinalam o período aureo das aplicações da



A secção de Telegrafia Sem Fios em marcha, comandada pelo alferes sr. Fernando Moreira de Sá.

eletricidade. De facto, durante os últimos anos os progressos realizados na técnica da Radiografia foram enormemente consideráveis, e depois de não ter sido mais que uma experiência curiosa que parecia relega-



Um aspecto do carro do material durante a descarga dos tubos

Nenhuma invenção científica dos últimos tempos nos patenteia talvez tão nitidamente os admiráveis progressos realizados com surpreendente rapidez no campo dos nossos conhecimentos sobre a electricidade e do nosso império sobre essa maravilhosa forma de energia, como aquela que constitui o mais mo-

da para o domínio da ciência pura e das especulações filosóficas ela tornou-se, por uma genial adaptação ao campo da prática e da industria, num meio de comunicações correntes e de consequências grandemente prestimosas, tendo já prestado numerosos e importantes serviços á humanidade.



Datam de 1888 as célebres experiências de Hertz em que pela primeira vez as ondas electricas geradas pela descarga de aparelhos adequados foram produzidas com um fim determinado, se transmitiram através do meio ambiente e se estudou a sua natureza, investigando-se as suas leis e os seus effects. Decorrem dois anos e Branly obtem os primeiros resultados práticos com o seu admiravel *cohesor* que, funcionando como um sensibilissimo *ouvido electrico*, revela a dis-



tancia a presença das ondas Hertzianas propagadas pelo espaço. Acha-se estabelecido o inicio de uma descoberta prodigiosa destinada a ilustrar o nome não só de um homem como de todos aqueles que pelos seus trabalhos scientificos da especialidade concorreram grandemente para a sua realisação. Efectivamente passam-se mais alguns anos, no decurso dos quaes varios investigadores, como Righi, Lodge, Popoff e outros, não só introduzem aperfeiçoamentos notaveis nos aparelhos



1. Terminado o serviço da comunicação, o pessoal inicia os trabalhos para apear o mastro—2. O telegrafista de serviço recebe um despacho transmitido de Tancos—3. Transmissão d'um telegrama para Evora. De pé deante do aparelho os srs. general Rodrigues Ribeiro quartel mestre general do exercito, coronel Rodrigues Monteiro inspector do serviço telegrafico militar e alferes Fernando Moreira de Sá — (Clicks Benolie)

elementares primitivos como também apresentam inovações originaes, até que em 1896 Marconi, coordenando os diferentes trabalhos d'investigação até então dispersos e associando com uma rara intelligencia e uma intuição genial os aparelhos tanto produtores como receptores d'ondas hertzianas até então inventadas, realisa a 1.ª comunicação radiotelegraphica. Não se limita, porém, o joven engenheiro italiano a esse indubitavelmente genial trabalho de synthese, chamemos-lhe assim, e durante anos successivos, com uma persistencia tenaz e porfiante, e um trabalho exemplarmente metódico e orientado, consegue aperfeiçoamentos importantissimos ao seu sistema. Não esqueçamos, porém, os seus colegas e competidores alemães, que porfiadamente se lançaram de seguida em estudos analogos. Mas assim como os ensaios de Marconi e dos seus predecessores serviram de base aos dos engenheiros Max Wien, Slaby, Brann, etc., os inventos d'estes, por sua vez, aperfeiçoaram o primitivo sistema de Marconi e tornaram verdadeiramente pratico o emprego da Telegrafia Sem Fios.

Não iremos apontar as etapas que os aperfeiçoamentos de ordem tecnica da Radiotelegrafia successivamente atingiram, desde os modestos trabalhos de laboratorio de Hertz e Branly e a distancia d'algumas centenas de metros a que se realisaram as primitivas experiencias de Marconi em 1896, até aos prodigiosos alcances de 5000 e 6000 kilometros com que hoje realisa correntemente a troca de despachos entre as grandes estações existentes. Mas não é também só no campo puramente tecnico que os progressos da Telegrafia Sem Fios tem sido prodigiosamente notaveis. Os beneficios no dominio das suas multiplicas e extensas applicações practicas são já enormes. Mencionemos de passagem, além da utilização directa pelo serviço publico, a comunicação dos navios entre si ou com as estações costeiras, evidenciando-se assim o consideravel papel humanitario desempenhado em caso de um naufragio; a transmissão da hora d'uma determinada estação aos navios navegando no alto mar, permitindo determinar-lhes por processos scientificos a sua situação exata; o envio de telegramas meteorologicos, tornando possivel a previsão do tempo; as varias applicações de interesse geodesico e astronomico, como determinação de longitudes, etc.; o estabelecimento de comunicações constantes com os diferentes aparelhos de navegação aérea (balões dirigiveis, aeroplanos, etc.) e de navegação submarina; e finalmente as applicações militares.

Referindo-nos especialmente a estas ultimas, diremos que a Telegrafia Sem Fios está destinada a desempenhar um papel militar consideravel, não tendo deixado já de prestar as suas provas concludentes. E assim é que todos os

exercitos da Europa têm adquirido o material necessario para as comunicações tanto em tempo de guerra e manobras como durante a paz, atendendo a constituir a Radiotelegrafia um meio rapido e seguro de transmissão de noticias.

Para exercicios de pratica no serviço de comunicações dos recrutas que este ano receberam a instrução, mobilisou a nossa Companhia de Telegrafia Sem Fios, que desde a sua organização tem sido superiormente comandada pelo capitão de engenharia sr. Pompeu de Meireles Garrido, tres das suas secções, cada uma das quaes possui uma estação completa de campanha. Duas d'elas, respectivamente comandadas pelos tenentes srs. Carlos de Barros Soares Branco e Eduardo Corregedor Martins, foram destacados para Vendas Novas e Santarem e ultimamente para Evora, e Tancos, realisando-se durante os ultimos 2 mezes, repetidos exercicios de montagem das estações, estabelecimento de comunicações e troca de despachos entre essas duas estações e a que ficou em Lisboa. São referentes a esta ultima as fotografias publicadas, e a titulo de sua elucidação daremos em duas palavras uma rapida ideia do seu material e seu funcionamento.

Os orgãos d'uma estação completa, grupo electrogénio produtor da energia electrica (motor a gazolina e alternador), os aparelhos de transmissão e recepção, o mastro-suporte da antena (destinada a fazer irradiar e a captar as ondas hertzianas), etc., assim como o pessoal componente da Secção são transportados em 4 viaturas especialmente organisadas para esses fins: carro-estação, carro do motor, carro do mastro e carro de parque, sendo a tração feita por muare. Chegada a Secção ao local destinado para a montagem da estação, é iniciada esta arvorando-se o mastro, que é substituido por 12 tubos d'aço encaixados successivamente nos extremos uns dos outros até atingir uma altura de 25 metros e que é fixado e mantido por um sistema de espigas d'aço ligadas a estacas de ferro; ao topo leva fixada a antena, formada por 12 cabos de bronze que ficam dispostos como as varas de um enorme guarda-chuva aberto. Fazem-se as ligações electricas com o cano-estação e d'este com o cano do motor e acha-se a estação pronta a funcionar, iniciando-se em seguida a troca de comunicações.

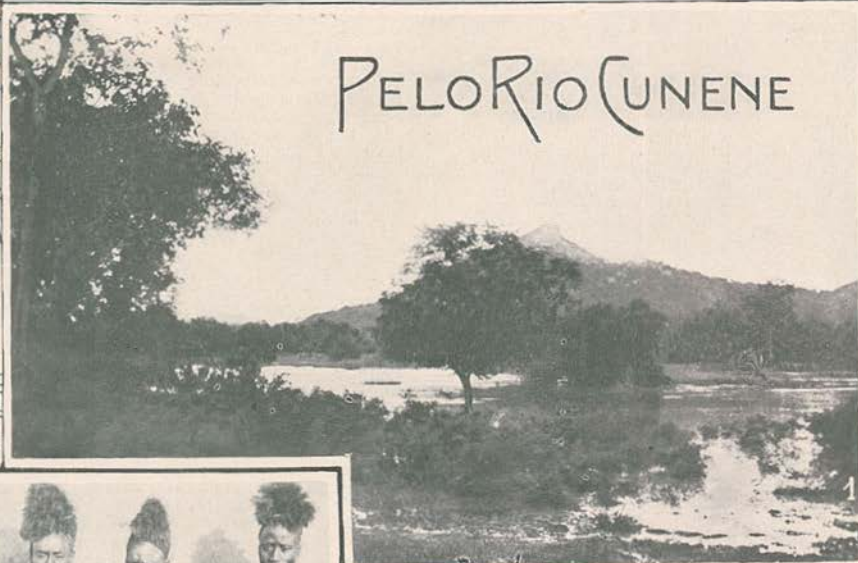
Foi com este material, satisfazendo notavelmente ás condições tecnicas e de mobilidade, exigidas n'um serviço de campanha, que se realisaram no dia 3 passado os ultimos exercicios de escola de recrutas d'este ano, a que se dignaram assistir os srs. general Antonio Rodrigues Ribeiro e coronel d'engenharia Rodrigues Monteiro.

FERNANDO MARIA DE SÁ.  
Alfereis d'engenharia



Uma fase da manobra efetuada pelo pessoal para apear o mastro suporte da antena

# PELO RIO CUNENE

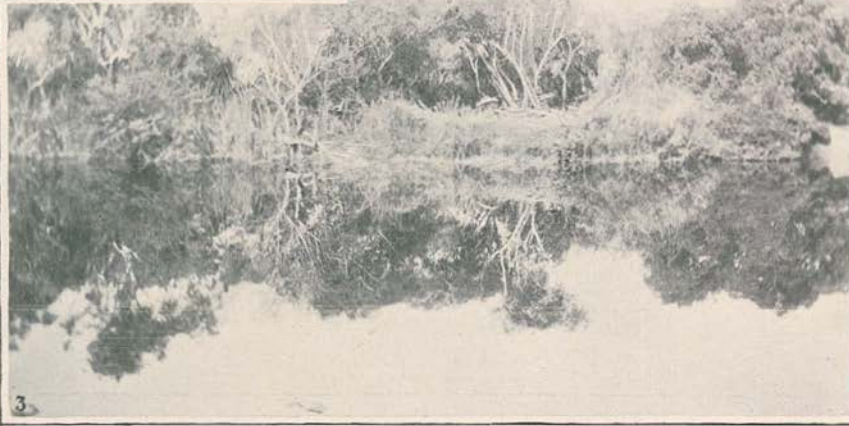


1. No Cunene em Caluato. 2. Rapazes de Donjoena armados como auxiliares de forças de policia. — 3. O Cunene

nente agitação dos rápidos e cataratas dá vida e cor aos monotonos serões que a ravessa.

E' que em todo o seu curso ha paisagens de um raro encanto, e quem o encare sob um ponto de vista pratico nota com espanto fartas riquezas na sua bacia tão pouco conhecida onde os terrens aráveis e irrigáveis não tem fim, e as quedas d'agua, algumas de imponencia excecional, bastariam para a industria de todo um vasto paiz.

Com as suas nascentes no distrito de Benguela, onde percorre algumas centenas de quilometros em leito tortuoso e acidentado, por vezes parecendo apenas um modesto riacho, outras espraiando-se em pantanos enormes, entra no distrito da Huila



Para quem percorreu o Sul d'Angola, tem um encanto especial, talvez até de saudade, a recordação d'esse velho e caprichoso rio, que com as suas margens pitorescas, a frescura das suas aguas e a perma-

perto do Capelongo rugindo e saltando através das pedras que lhe formam o leito, e que dão lugar a uma serie de rápidos que só termina perto do Molondo, deixando para traz as paisagens incomparáveis das

ilhas do Quisucó e as suas margens pouco acidentadas e estes terrenos agricultáveis.

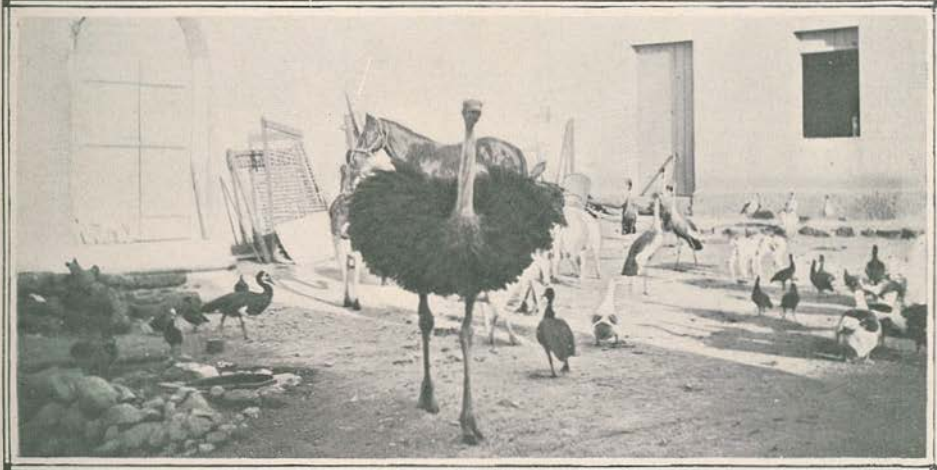
Depois d'isso o caminhar das suas águas torna-se mais sereno, dos pontos mais altos vê-se o oleito desenvolver-se em largas curvas por entre colinas cobertas de Mutiati, e interrompido de vez em quando por pequenas ilhas muito vijosas,



Mulheres colhendo massambala

tos da nossa vida colonial, até que as vitórias sucedendo-se aos desastres, alguns d'elles tremendos, nos deram o dominio d'alguns povos dos mais aguerridos d'Angola.

Em Calundo, os pequenos morros de Capito, na angustiosa monotonia das estensas planicies que caracterizam aquella região, parecem montanhas e mar-



Aves do Cunene

banhando estensas lezírias que no Quiteve se transformam em pantanos mortíferos e depois as enormes *chanas* do Cafu e do Humbe, que na época das chuvas alagam, dando por vezes ao Cunene a magestosa largura de alguns quilômetros.

Do Quiteve ao Humbe, é por assim dizer a parte histórica do seu percurso. Por ali se fixaram os primeiros pioneiros do Sul d'Angola, perto das suas margens travaram-se combates dos mais sangren-



Um trecho do Cunene

cam o principio de uma nova configuração do terreno, em que a seguir se desenvolve o leito do Cunene. São os primeiros vestígios do desmoronamento da Chela que aparecem e através do qual as águas do velho rio vão descer em curto espaço de tempo de mais de mil metros de altitude até ao nível do mar. O solo torna-se então um pouco acidentado, com afloramentos de rocha que dão á paisagem um severo aspecto de veustez em virtude



meros braços e através da mais extensa e da mais linda varzea que é dado observar. A região tem um aspeto particularmente selvagem; mata de sa de espinheiros que por longos quilômetros nos vão rasgando o fato e a pele, solo acidentado e aspero coberto de quarto fragmentado em que as laminas de mica, muito abundante, põem uma cintilação ofuscante de pedres preciosas, e fere os cascos dos cavalos



da sua cor negra e requemada.

Poucos quilômetros andados encontra-se o rapido de Nuangari, que termina pela cachoeira do mesmo nome, onde as aguas do rio vão contorcer-se e espumar através de um leito apertado e tortuoso entre enormes rochedos de cor e de recortes severos, que lhes oferecem um pequeno declive em uma extensão de cerca de 400 metros.

A cachoeira de Nuangari seguem-se e sucedem-se outros rapidos, e depois, entre as colinas que n'uma e n'outra



extenuados, animais bravios sumindo-se pelo capim e como habitantes, alguns, raros muchimmas errantes vindos de longe.

A disposição do terreno, porém, a coloração da paisagem, por vezes forte ao sol tropical, outras esbatendo-se em nuances suavissimas, a agua espalhando-se em numerosos canaletos e formando um ou outro rapido cintilante, e o grande silencio do sertão envolvendo tudo, despertam uma impressão inolvidavel em presença d'este quadro em que não se sabe



1. A vista mais completa do trecho principal do catarata de Macana—2. Cachoeira de Nuangari a que os alemães pretendem dar o pomposo nome de Catarata—3. Catarata Macana. O fundo do abismo—4. Mulheres de Hamar

margem se começam a esboçar, as aguas entram por algumas dezenas de quilômetros n'um periodo de relativo repouso, deslizando tranquilamente por nu-

qual é mais empolgante se o grandioso do conjunto, se as belezas do detalhe.

Mas não descança muito, o velho Cunene, aproxi-



ma-se a serra de Suacana, e com ela a descida para as aridas planícies do litoral. De repente, as águas despenham-se em um abísimo de cerca de 70 metros de profundidade em um grosso caudal correspondente ao talweg do rio e n'uma serie de quedas secundarias que se estendem por uma extensão de algumas centenas de metros.

E a catarata de Suacana de cuja grandiosidade e estranha beleza é impossível dar uma pálida ideia.

Depois, é vertiginosamente que o rio corre através de um rasgão profundo e apertado que lhe serve de leito entre as montanhas.

Coi torcendo-se e espumando mostra às vezes aspectos sinisros quando rugo entre margens altas em que a rocha tem brilho metalico, verdadeiras *portas de ferro*, através das quaes se precipita em carreira vertiginosa e louca até atingir a aridez infinita do litoral. Ali o velho rio repousa e repousa de vez, pois, durante



1. Forte de Capelongo—2. Rápidos de Nuangari—3. Catarata de Rualeni, leito superior do Rio  
4. Gado atravessando o Cunene, perto do Hambo

Junto d'ela o morro Alupane com o seu rochedo isolado no Cunene, parece um marco geodesico que o assignala de longe, e as serras de Cocatoa, Cocanatunda, Chipaulho e Suacana, fecham o horizonte n'uma grandiosa moldura que mais realça a imponencia do espetaculo.

grande parte do ano as suas aguas, como que quebradas por incomensuravel fadiga, somem-se na areia, através da qual apenas se esboça o leito que o conduz ao mar.

M. B.

## A Rainha Itália e os Filhos

A rainha Helena d'Italia, que é um grande exemplo de ternura maternal e uma adorável mulher, na sua viligietura de San Rossore, passa a vida associada aos folguedos dos seus filhos que ha pouco fotografou obtendo o esplendido cliché que inserimos e n' qual se veem os principes pres-tes a largarem para um passeio



1. A rainha Helena d'Italia.—2. Os principes de Saboja em San Rossore, fotografados pela rainha Helena sua mãe segurando os remos a princeza Yolanda, empurrando o barco o principe Humberto, sentadas á ré as princezas Malda e Joana.

no seu barquito de alva vela. A soberana não abandona nunca das suas vistas os pequenos aos quaes dá, com uma educação moderna, os mais altos exemplos. Ainda ha pouco, voltando com eles d'uma excursão e encontrando um trabalhador ferido n'um pé mandou ao castelo real buscar medicamentos pen-

sando ella mesma o desditoso que comovidamente lhe agradeceu.

Com a tranquillidade que um bom procedimento dá ás consciencias a excelente mãe que é a rainha Helena, pôde bem confiar seus filhos á guarda do povo para o qual tem tão carinhosos cuidados.

# Vernissage d'um Grande Pintor do Pará

D. Luiz Graner, pintor-catalão, expoz no Salão do teatro da Paz, setenta quadros originaes seus. Bem andou em fazel-o, porquanto os espiritos enamorados do bello lh'o agradecerem do intimo. Eu, pelo menos, fiquei banhado de arte, desde que vi o seu *vernissage*, que muito me alegrou os olhos da alma, que os do rosto de todo se perderam ao fixarem-se nas telas, onde os dedos nervosos de um sincero interprete da natureza souberam vincar a sulcos de talento o que a propria natureza tem de mais grave e dispersivo; o Ocaso e o Mar.

Quando D. Luiz Graner não fosse, como é, um tecnico perfeito, bastar-lhe-iam as suas poderosas qualidades de imaginoso e ductil, para personalisar os quadros que melhor indios ncrasam a sua *maneira* de concencionar, que si o, afinal, todos os que marcam o doce crepuscular de um dia calmo e o agitado brando de uma legca adormecida.

*Vivre c'est vibrer* é a aspiração, maxima do grande estéta francez, Jean d'Udine. Creio ser, tambem a que se casa bem com o temperamento critico do illustre artista da paleta. E' que Graner



D. Luiz Graner, o celebre pintor catalão.

vibra, porque *vive* em tudo que produz. O seu quadro, e quarto a mim o que melhor sintetisa o que Hegel chamava «estado d'alma», *Soldado* é a confissão extrema de uma alma isolada, *Oreção* se aproxima dos outros mortaes atravez de uma tela, pequenina no tamanho, mas grande na idéa.

Olho para aquella *Solidão* e relembro as expressões ibsenianas, ditas pelo racionador dr. Stockman, no *Inimigo do Povo*: — «O homem mais feliz é o que vive mais só.» E, então, aprendo Graner passando á tela aquele pedaço de natureza adormecendo aos poucos, não para entrar no sono imbecilizante dos adaptaveis, mas para readquirir a energia nova dos insatisfeitos. Jamais poderei esquecer esse

quadro, porque ele é o *tipo* representativo da dinamica pitural do artista comovido perante o silencio das tardes esmaecidas e o ruborescer dos dias bem vividos.

Os quadros que reproduzem ocasos são dignos de atenção. Não ha um, unico, que nos não denuncie a emoção estética de uma creatura viajada, e que, por isso mesmo, nas mais pequenas



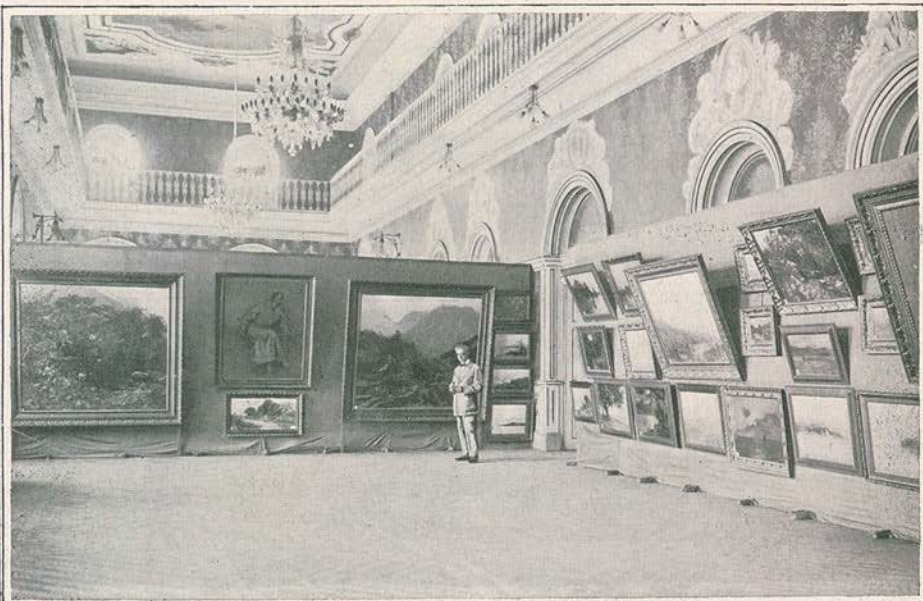
Aspêto da exposição no teatro da Paz.

coisas da sua vida, traceja largo por vêr distante. D. Luiz Graner possui o golpe de vista indispensavel ao pintor, é um facto; mas, no que é grande é na ficção que emprega para o fabrico da obra d'arte. A visão interior é perfeita. A sua emotividade resalta nas mais pequeninas coisas ao parecer alheio: todavia, no d'ele assume proporções delicadas com uma exteriorisação propria que advem da receptividade de uns olhos educados á força de tanto se fixarem na natureza inspiradora.

O quadro *Botafogo* é a interpretação condigna de um trecho por muitos já visto e, por poucos, inteligentemente comprehendido. E' que o pintor viu-o com os olhos de toda a gente, que se extasia perante a magnificencia do conjunto, mas ao passal-o a tintas, poz a sua *opinião*, individualisando um farrapo de nuvem,

Vejo-me n'elas, como o pintor se viu. E parece-me que o encontro, que o olho, e vou para lhe falar e nada lhe digo, porque não ha palavras em idioma algum que supram a eloquencia muda dos crepusculos tímidos, nem a loquacidade dos poentes virgens.

*Carmen* é uma andaluza a quem D. Luiz deu vida pitural para tormento dos profanos e deleite dos iniciados. Os profanos, ao verem essa encantadora mulher, petulante, de epiderme macia e quente, de cabelo ondedado, tentador, uma perna sobrepondo-se em outra cujo pé, pequenino, diz mais coisas que os olhos fingidamente castos não sabem ou não *querem* exprimir, o cigarro aceso ao canto da boca beijoqueira, sentirão vontade de tirar o chapéu donjuanamente e lhe pedirem: — *Haga-me usted el favor de me emprestar su fuego.*» Cs in-



O artista entre os seus quadros.

uma quebra de perspetiva, um agonisar de vaga, em suma, um pequeno nada que para ele vale muito. E foi assim que conseguiu e consegue que o visitante diga:—«Que belo! Que verdadeiro!»

Os trechos de paisagem, em que a arvore predomina, são felizes na escolha. Os verdes que emprega tem nuances que nos dão aquelle verde desbotado das florestas tropicaes, tão difficil de acertar por vulgarissimo.

A *Luz da tarde na Floresta* é um quadro cheio de côr local. Dá vontade ir por aquela floresta afóra, pizando a macieza das folhas que os galhos de arvores amigas dispensaram para atapetarem os caminhos, ouvindo o psalmodio da passarada sonolenta, a canção tristissima das aguas enoveladas, e descançar ao lado de quem mais e melhor se queira na vida na permuta amante de entes solidarios. E, en-simesmo-me ao vêr as paizagens de Graner.

ciados, demoram ante a correção das linhas anatomicas que acusam uma creaturinha nervosissima, verdadeira pilha de sensações... E hão de gostar de Carmen mesmo que ela lhes não empreste o lume...

D. Luiz Graner é catalão. A sua arte dá um puro emotivo justifica a sua origem. O seu bello espirito adaptando-se á imaginação calida d'este formoso paiz que ora nos alberga, e que tão bem interpreta, dá razão ao que o seu notavel patricio Pompeyo Gener escreveu algures:

—*Sólo catalanes por tradicion, pero internacionalistas por conviccion.*»

E Graner é internacionalista como os que melhor o são.

Pará, junho de 1913.

JOSÉ SIMÕES COELHO.

# A Ronda da Lapinha

Chegou o tempo de nós todos — os minhotos. Já o nosso póte de alfadega se engalanhou de espigo azul arredondado com verduras cheirosas, junto à escada de pedra das frontarias. Os linhos amela ram agora,

abundantes e ondeantes pelas terras chãs, lá perto de onde a água passa em arrepios, sobre as areias de ouro. Estão entoldadas e alegres as nossas vides de alpo galego, largos estores de sombra adormecida à colha das vespas, e que lá ao diante nos darão a fartura acida e perfumada das «mouriscas» e do «azal». E resolutas, no alto fronteiro, as serranias cobrem-se de sol temporão, a faiscarem uma luz de aço sobre a mica dos granitos, e mingando as terras verdes onde, de longe em longe, se arvoram as agulhas claras dos campanários, sob a calma abraçada.

Chegou o nosso tempo — que é o do labor constante, entre erotismos cadenciados e de policroma exibição. E agora, aos domingos, vamos nós cedo a onde o diabo não aguenta, ainda com meiguices de estrelas sobre o silêncio fundo dos vales —romeiros de devoção que se juntam nos claros adros ruraes em onda familiar, e que, seguindo o roteiro da tradição, abrem caminho ao andor do orago através a bravura dos atalhos, o pontilhão velho do rio e a poeira espessa das estradas, demandando à serra altíssima e retoicada de azinhos, de fetos, de giestas e águas vivas, n'uma couraça bronzada e cheia de reflexos.

Assim hontem; assim aquela manhã esmaltada e aberta em grandes braços de alegria, que logo assustou com os seus foguetes de romagem, lançados pela alva arejada e orvalhada, a queixa



Na montanha da Penha.



A Senhora da Lapinha

Senhora da Lapinha, ramos cheirosos e policromos dos cravos arrancados aos potes do cachorro de pedra da frontaria amorosa de sombras.

Um repique festivo (obra prima da fantasia de um sineiro cavador), lançando ao povo da ronda, e dali às terras todas acordadas, o anúncio da festa, pareceu assinalar a hora da caminhada. De facto, os bombos e as caixas, que se dispunham ao fundo do terreiro, prepararam na alça ao costado dos lavradores e começaram gritando

amorosa das fontes recolhidas sob os loureiros patricios e a quietude morna dos ninhos ainda silenciosos, levantando outrosim em fuga, no espaço de esmaído e doce, as azas inquietas da última das estrelas.

Já então os largatos de estrada, abertos por entre silvados, vinham cheios de povo que desaguava no terreiro da freguezia. A romagem, com seculos de tradição, era de preces — mas já o tempo e os homens, suggestionados pela beleza pagã da paisagem, lhe haviam esquecido o espirito piedoso do voto, para a lançarem como se festa de alegria ela houvesse sido em toda a vida. As portadas do templo abriam-se de par em par. Impacientes, no terreiro, os homens das caixas de rufo e dos bombos esperavam o momento de começarem zurrando as peles. No lado norte da capela, aglomerados contra a longa parede caiada e lisa, repoisavam os *guiões* — altos mastros de pinheiro, com flamulas ardentes, rematados por cruces ingenuas de cana seca ou tufos asperos de gibeadeira. E de momento para momento era o povo que saía e entrava, em onda indolente, com o chale lançado ao braço e o varapau sobraçado, empunhando, de oferta à

n'aquelles quatro tempos de dança. Com opas de lã vermelha e lã branca, os *límios* d'aldeia vieram a inda com a cruz de estanho, que ia preceder a parte católica do prestito. E na frente, seguindo os trabalhadores da caixa e do bombo e usado como eles, a mourisca, o *murreão* do lenço vermelho enlaçado da frente à nuca, já os rapazes dos *guiões* se dispunham em fila, arregaçados e prontos a subirem a serra erguendo cada vez mais alto a bandeira ardente do seu mastaréu. O povo acotovelava-se à porta da capela; e pouco faltou que a musica, a de Golães, rompesse tocando a sete folegas, para apagar sob a sua imersa virilidade o eco dos sinos e dos bombos, que pareciam tocar a despique.

Assim a ronda da Lapinha começou desfilar.

A' frente, sete caixas e bombos, com cascós azues e encarnados, levantaram um c'o restreptoso e alegre ao sol que havia subido a colica de Santa Quitéria. Espaçados entre osromeiros que já seguiam a festa camponia, começaram passando os *guiões*, erguidos em duros braços vermelhos. E então, entre o povo em orda mais cerrada e suada, ergueu-se a cruz amarela; opas ora ardentes ora brancas, começaram a passar, envergadas por cavadores de boas suissas e com o chapéu empunhado; em seguida passou o andr, enorme e cheio de pratos vistosos, levantado por oito moços da lavoura, contentísimos e fortes; atrás, o senhor padre, de sobrepeliz e guarda sol de cana da India; depois a filharmonica, compassando uma sinfonia; e affim, a aldeia inteira, todas as mulheres e todos os homens, um mar inquieto de cabeças, com *amortalhados* de camisa ou longo saial de rendas e silva de rosas na frente, á mistura.

Alegres, á frente, os bombos zurravam forte. Ao sol que principiava a arder com violencia, mordendo a graça humida dos campos, já a poeira começava a revolver-se entre osromeiros, como se fosse na passagem fatigante de um encrme rebanho. Prestes a verdura desapareceu, minguando as sombras do caminho, no coleamento esforçado para a serra. E então começaram os panoramas a surgirem surpreendentes, alargando as varzeas, minguando as montanhas, n'uma expressão de originalidade que parecia, aos devotos, lembrança da «Senhora» aos que oravam, obra de milagre também.

Por entre o povo abraçado e sujo da poeira, já os pregões cantavam amorosos como benções. *Vamos a limonada fresca!* — *Rosquinhos d'Amante!* *Atua fresquinha!*

Por entre o povinho alvaído de camisas e flammante de lençarias camponizas, irmãos mezaríos, com as suissas ensoçadas de agua, revestindo opa de lã clara e suspendendo a vara de prata de distincção, adeantavam a taça de estanho a par de um ramo quente de craveiros, a recolherem as moedas plebeias: — *Pa a milagrosa Senhora da Lapinha!* — que rondava á serra depois que o verão, resplendente, estuou sobre os campos do verde lindo, ameçando as culturas. E já os descampados da serra se abriam, agudos e cinzentos, mais próximo de



Os *guiões*.



Os bombos.

onde a ronda, em enorme massa vistosa, ia traçando e coleando; já as varzeas pareciam mais verdes, atalhoadas entre os contrafortes asperos da montanha que d'alli subiam, sob a chapa doirada do sol, n'um belo claro escuro azul e igneo; já caçados, com o rosto em brasa, os olhos como congestionados ao lume duro das faces e a boca seca e recantada de cuspos secos, aquela

feira de côres abertas e vivas, que antes parecera um grande ramo humido saindo alegremente a porta arqueada do templo, se oprimia sob as garras prodigiosamente fortes da calmaria, galgando a serra com sacrificio.

Mas lá da serra, no cume vistoso e livre, os foguetes começaram anunciando; e como que

A serra chegou a «Senhora da Lapinha» era meio-dia em ponto, quando esse alto formoso do promontorio da Penha, fronteiro a Guimarães, parecia arder da canicula mais violenta que quantas se possam imaginar. Então romperam os zabumbas tocando com toda a alegria; mais altos, os guiões drapejavam alvoroçadamente

sob a aragem agradavel da serra; prégões inquietos, das mulheres que na aldeia distante haviam fechado no casinhoto humilde a caneleira berrante do tear, sucediam-se, brilhavam, cantavam doce e alegre; já sob os guarda-soes escuros o busto bonito das camponezas se envolvia, sobre o oiro abundante dos seios, n'uma penumbra azulada e quente, de estio, entre a nuvem alteada de poeira; e então, oprimido entre o canção e a piedade comovida dosromeiros, passou o ardor da «Senhora» belo e novo, por quem tantos



A chegada da ronda

uma força de milagre agitou e compoz de novo a orda inteira da grande ronda. Primeiro atravez as penedias, depois já conquistando a estrada que coleava, suave e larga, a serra toda, os *guiões* foram surgindo, apoz estes a estrela alta e doirada do andêr, e emfim, alargando-se como as ovelhas que vinham conquistando os pedregulhos asperos de uma garganta estreita entre penhascos, todos osromeiros desaguaram no caminho liso e ainda distante, semelhando, do alto monte, uma romaria movel que, dos bombos fronteiros á cauda enorme dos camponezes rondeiros, se transportava com os seus toldos, *guiões*, santos e filarmônicas, ao arraial de outros povos longinquos.

E veio subindo á volta, sob a calma, abafada de guarda-soes alegres, por vezes subitamente brilhante dos reflexos do andor e dos vidros das lanternas que o acompanhavam.



Vista geral do arraial.

choravam na saudade de um ano, e cuja imagem, pequenina e gracil, usava o cabelo em dois bandós lisos, como o das nossas mulheres camponezas.

E os foguetes voavam sempre, ligeiros e duros, n'um eco desdobrado pela serra inteira.

ALFREDO GUIMARÃES.

# FIGURAS E FACTOS



1. O governador geral d'Angola, major sr. Norton de Matos, acompanhado pelo seu ajudante, pelo engenheiro sr. Galvão, com alguns dos empregados superiores da Companhia de Cabinda, quando da sua viagem a Landana onde foi recebido festivamente.

Landana recebeu com toda a guarda o governador geral d'Angola que prometeu ao administrador, o distinto official de marinha sr. Vieira de Matos, concorrer poderosamente para os melhoramentos que sob a sua administração tem sido iniciados e estudados como por exemplo a abertura da barra do Chiloango que será d'uma incalculavel vantagem comercial.



## O avidor Salles em Braga

O aviador Sallés, que tem já um grande nomeada em Portugal, subiu com o seu aeroplano «Amadora» durante as festas Joaninas sendo aplaudidissimo pela numerosa assistencia. No dia 26 de junho, querendo voar novamente, o aparelho desequilibrou-se causando uma grande impressão no publico. O avião cheio de sangue frio tentou ainda elevar-se mas foi esbarrar contra um muro fi-



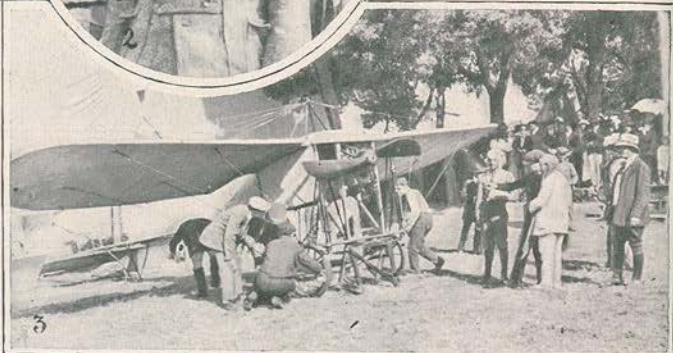
2. Sr. Sabino de Sousa, professor do Instituto de Veterinaria, falecido em Lisboa—3. O sr. dr. Adelino Soares Vilhena, distinto medico militar, falecido na Ilha do Principe onde se encontrava estudando a doença do sono



4. Um trecho da assistencia elegante durante o voo.

5. Sallés antes de efetuar o voo, pe las festas do S. João, em Braga Clichés do distinto amador sr. Victorino Melo, de Penafiel

cando perdido o aeroplano mas o seu piloto sem uma beliscadura.



6. Sallés preparando o seu monoplane Bleriot (Amadora) para subir. O aparelho sofreu um grande desastre, ficando perdido enquanto o avião incolume era suadado pela multidão





O inicio do passeio pelo Tejo depois do batismo dos quatro novos barcos da Associação Naval que receberam os nomes de *Mondego*, *Guardiana*, *Aze* e *Vozga*.

*Águas Passadas* é o titulo do novo livro do distinto jornalista sr. Camara Lima, cujos anteriores trabalhos lhe deram um lugar de destaque nas letras nacionaes e que tendo cultivado o teatro e o jornal com espirito, agora recorda n'algumas bellas paginas figuras e cenas, episodios e *blagues* formando uma excelente obra leve e cheia de *verve*.



Sr. Camara Lima

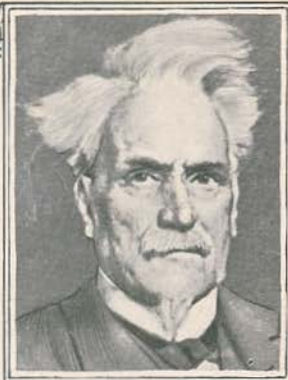
Coronel sr. Ferreira Gil

O illustre diretor do Colegio Militar, o coronel sr. Ferreira Gil, publicou um interessante volume sobre a infantaria portugueza na guerra da península que sendo uma obra historica e tecnica tem o grande merecimento de apparecer escrita n'um estilo facil e elegante.



Uma festa da sociedade em Sines: Grupo de senhoras e cavalheiros que tomaram parte n'uma *garden-party* que decorren animadamente—1.º plano da direita para a esquerda: Menina Ilda Jacinto, menino Alberto C. d'Oliveira, meninas Maria Jacinto e Maria Fortunato, 2.º plano: Mesdemoiselles Maria Pia, Germania Calvente, Valentina Vilhena, Maria Calvente, Anunciada Vilhena, Clara da Silva, Maria dos Anjos, sr.ª D. Maria José, mademoiselle Maria Candida, 3.º plano: Mesdemoiselles Manuela Calvente, Laura d'Oliveira, Augusta Felix, Julia Garraz, Dilar de Jesus Viana, Carolina Cid, Maria Balbina Sousa e Isidora Santos, 4.º plano: srs. Avelino Soares, José da Rosa, José Monteiro Guerreiro, Armando Florido, Pedro Feiro, Julio Gomes da Silva, Virgilio Vilhena, Mario Tavares, Manuel Monteiro—(Cliché do sr. João Filipe Guerreiro)

Rochefort morreu. Falar d'ele é evocar a veia furia franceza, a classica arremetida em que ha galantaria e bravura. Era um mosqueteiro da pena. No seculo de Luiz XIV teria sido d'Artagnan; ao alvorecer do segundo imperio foi um modesto empregado do Municipio de Paris com sonhos altos de condottieri. O sangue nobilissimo dos marquezes de Rochefort Luçay agitava-se nas suas veias e não o deixava parar na burocracia. Foi o panfletario terrivel. Conheceu os maiores gosos da popularidade ao ser levado ao colo pelos



Henry Rochefort, falecido em Aix-les-Bains.

parisienses que adoravam o rebelde da «Lanterne» e as maiores dôres no seu degredo da Cayenna.

Atacou por prazer, por audacia, por capricho ou por convicção sempre com uma arte pura, com originalidade e vivacidade. Como um espadachim que tivesse botes seus, Rochefort feria sempre. A sua modalidade felo-perder a aura popular mas não o respeito dos homens de letras pelo seu talento tão grande que mesmo poucos dias antes de falecer, com 83 anos em Aix-les-Bains, ainda escrevera um artigo cintilante na «Patrie.»



1. Srs. Augusto Goltz de Carvalho, falecido na Figueira da Foz; 2. João Luiz Ferreira, falecido em Eixo, (Aveiro); 3. Joaquim Martins da Silva, oficial de marinha mercante, falecido em Pernambuco; 4. dr. Jorge d'Almeida Custanho; 5. Diogo José Soromenho, solicitador e escritor dramatico; 6. Domingos José Ferreira Ribeiro, proprietario, falecidos em Lisboa.



A pitoresca entrada do palacio do Alfeite do lado do rio.—(Cliché do distinto photographo amator sr. V. Matos)

# A Morte do Maximombo

Morreu o maximombo da Estrela! Ha maistempo que ele se tivesse sumido, o monstrenço, para dar lugar a coisa mais moderna, mais decente. Aquilo era mesmo um monstrenço: pesado, incomodo, infecto e amaldiçoado como um assassino. A terra lhe seia pesada, e bem pesada, como ele o foi em vida!

Alambazado



O elevador da Estrela passando defronte da rua do Seculo poucas horas antes de morrer.

favorecido de volume tinha de se espremer e uma dama de abas avantajadas ou de penacho hirto tinha de se pôr de cabeça de banda, ou de cocoras, para poderem entrar. E havia sempre logar! Por mais cheio que fosse, nunca ficava ninguem em terra. No colo ou sobre os joelhos dos outros passageiros, equilibrado milagrosamen-



2. O ultimo pingo d'azeite.—3. A guinada dos Poais de S. Bento para a calçada da Estrela.

de feitio, tosco em todas as suas peças, apertado e asfixiante como um baú, as portas eram tão acanhadas que um mortal mais

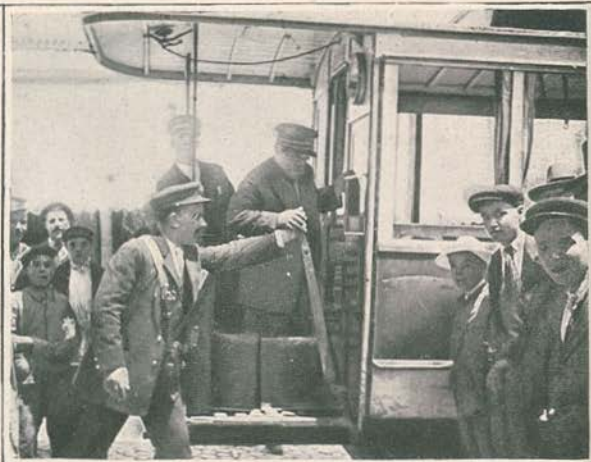
te no estribo ou entalado ao alto na plataforma entre uma duzia de pessoas, sempre se lhe dava um geito. Ninguem se podia

mecher, nem ao menos para tirar o lenço e limpar o suor que lhe camarinhava a cara em bagas aflitivas!

Um inferno como o do reverendo Tobias Weley, que metia milhões de condenados n'uma milha quadrada. Aí é que se via bem o limite da compressibilidade humana. E pôde calcular-se o que os corpos dariam, submetidos a tal apertão. O mais engraçado, porém, era á noite, quando o cheiro detestável da acetilene, escapada a uma combustão imperfeita, fazia olhar de soslaio, umas para as outras, as pessoas que não lhe conheciam a procedencia e a tomavam por suspeita.

Por mais que se abrissem as portas e as vidraças, abafava-se ali sempre. Não havia ar que acabasse com aquele cheiro a proximo e a acetilene, mesmo de inverno em que o ar frigidissimo se precipitava pela fenda do leito, onde trabalhava parte da engrenagem, e, metendo-se por entre as régua dos bancos toscos, enfiava-se-nos pela espinha acima com arrepios de pneumonia.

E aquilo a andar! O ronceirão! Ora, arrastando-se sonolentemente atraz de uma carroça que parecia rebocal-o; ora rodando livremente com um ranger infernal das rodas sobre as calhas, a fingir de expresso; aqui, dando uma guinada medonha, ao largar o cabo para o apanhar mais adiante, e baldeando os passageiros uns por cima dos outros; acolá, parando de re-



Apanhando o cabo na Praça do Camões antes de partir para a Estrela.

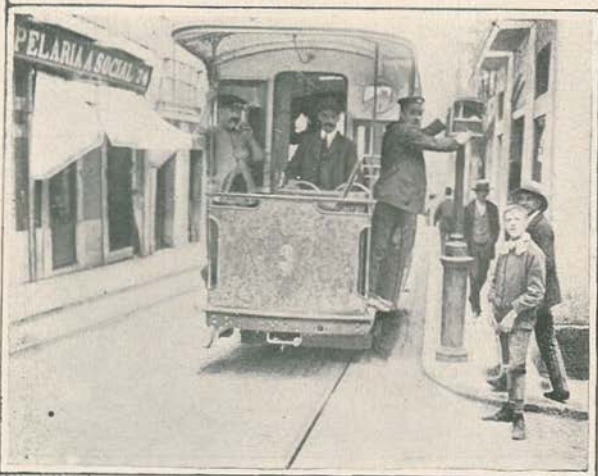
pente por um dos mil desarranjos a que estava sujeito, e fazendo os passageiros o resto do trajeto a pé sem direito a reembolso nem a um pedido de desculpa, ao menos!

Ainda estou a vêr aquela avenesma! De noite, quando as lojas já estavam fechadas e a Calçada do Combro era apenas iluminada pela bruxoleante luz municipal, esperei-o muitas vezes ao pé da rua do *Seculo*, á vinda do Camões. Uma noite, já cansado de esperar e com a vista perturbada de a trazer fixa por tanto tempo no ponto d'onde ele havia de surdir, tive como que um pesadêlo que me deu a verdadeira impressão d'aquêle brutamontes.

Lá em cima, onde termina a lomba da Calçada, começa a erguer-se na penumbra uma massa negra, que se avoluma pouco a pouco, como a cabeça de um enorme cetaceo. N'aquêle negrume ha dois pontos luminosos, mas de uma luz mortiça, funebre. Certamente são os olhos de um monstro que avança com vagares solenes e uns rumores metalicos e que, chegando ao declive, vae desarvorar-se por ele abaixo, trucidando, esmagando, reduzindo tudo a pó!

Nunca o imaginoso desterado da Ilha de Patmos teve uma visão d'aquelas, uma visão que roçasse tanto pela tremenda realidade. O elevador da Estrela tem o cadastro de um grande assassino. Foi o terror de Lisboa. Se os electricos matassem gente n'aquella proporção, não se fazia a chacina com uma morte por dia.

Ninguem dizia, ao



O carro que chega do Camões aos Poíases de S. Bento faz sinal de prevenção para evitar um encontro com o que vem da Estrela...



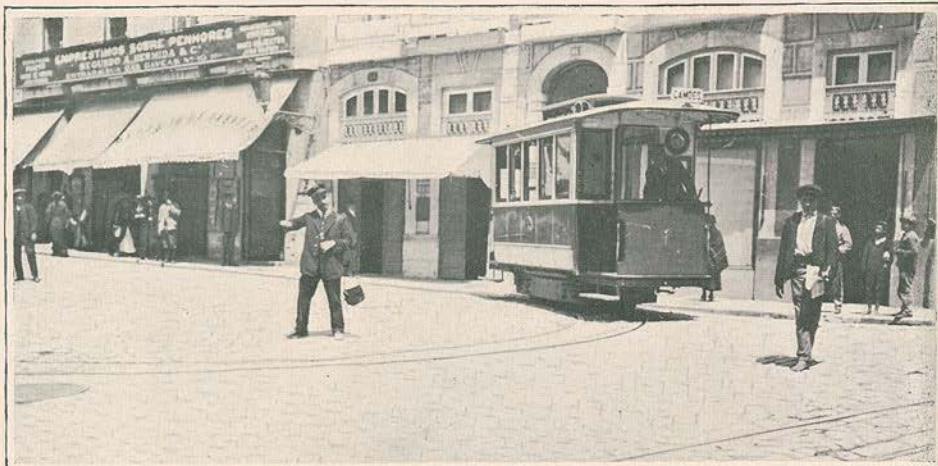
1. Da Calçada da Estrela para os Poiaes de S. Bento. O sinaleiro Antonio Rodrigues faz o sinal d'avançar.—2. O sinaleiro Antonio Rodrigues sentado no pé da sua guarita.

vel-o tão ronheiro, tão pachorrento, a ruindade que se alojava n'aquela arcaiboço de ferro carcomido de ferrugem e de madeira escavacada.

O rapazio chegava a ter tanta familiaridade com ele que se lhe punha a fazer gaifonas adeante e não raras vezes se viam atravessar-lhe pela frente com todo o descanço pessoas circunspectas que tinham a obrigação de conhecer as manhas perigosas d'aquela bicho. Era esta cega confiança que viti-mava muita gente. Só fugiam d'ele, ali no Camões,



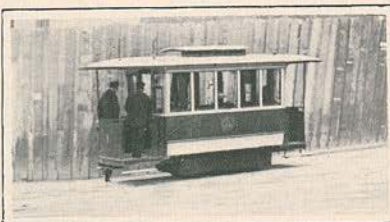
3. Passageiros que não pagam: Enquanto o condutor vae dentro do carro a policia fecha os olhos por ser o ultimo dia de gaudio para o rapazio.



1. Dando a volta perigosa na Praça do Camões.—A paragem das Côrtes, junto ao convento das Francezinhas em demolição.

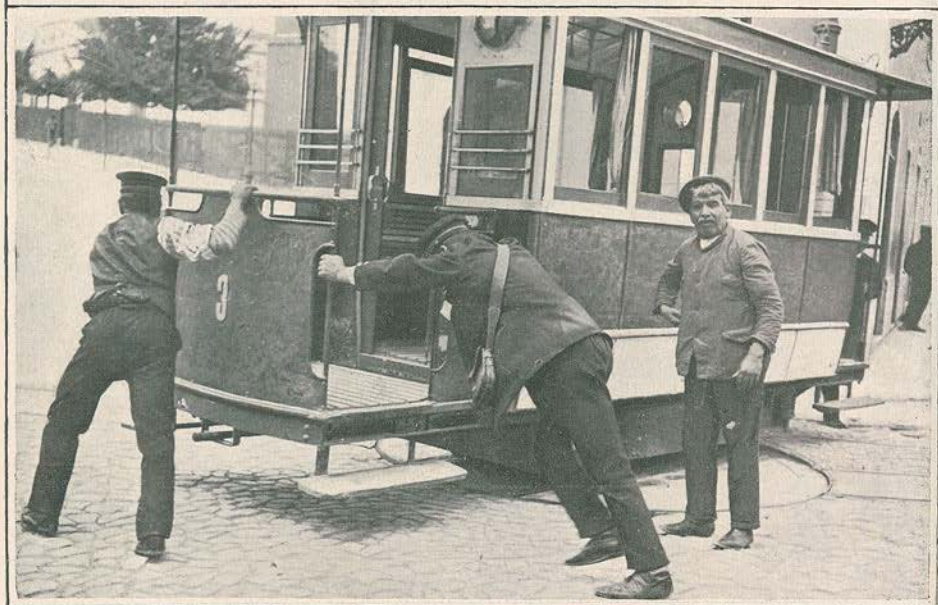
quando dava uma volta vertiginosamente rápida na raquette para mudar de linha, com perigo de sair das calhas e ir parar ás Duas Igrejas ou ao Alecrim com grande destroço de vidas e de fazenda.

Morreu o maximbombo e vae ser substituído



pelo carro electrico. Mas o que fazem a esses carções sinistros, aos quaes fica perduravelmente ligada a mais abominavel tradição de sangue, de apertões e de ronçaria?

A companhia encarrega-se de responder pelos jornaes, annunciando a venda d'elles como pro-



3. Voltado a braços no Largo da Estrela para mudar de linha.

prios para *bar-  
racas de banhos,  
para feiras, para  
casas de guarda nos  
campos, etc., etc.*

Para barracas de banhos e para feiras?! Não está mal imaginado o disfarce... para quem os não tiver conhecido. Hamorador da Lapa e da Estrela que não quer mais nada com taes monstros e que



é capaz de os conhecer à legua, por mais que lhes adocem a catadura.

Nada! Transformados em barracas de feira ou de banhos, são capazes de ter ainda ganas de fazer das suas e de ferrar com uma pessoa de trambulhão por aí abaixo, aos olhos do respei-



Rodando para o cemiterio.

tavel publico, exatamente quando estava a saborear com recato um petisco em bela companhia, ou a mudar de malha encharcada para uma camisa enxuti-  
nha.

A. M. F.



2. O revisor sr. Engenheiro Marques. o mais antigo da extinta Companhia dos Ascensores. 3. O fiscal J. A. Freitas d'Andrade



Depositados no cemiterio.

(Clichés de Benoliel)

# FIGURAS E FACTOS



1. O senador dr. Antonio de Souza Junior, nomeado ministro da Instrução Publica, e cujo ministerio foi ultimamente creado.—2. Sr. Baeta Neves, vogal da comissão que promoveu a recita de despedida do 5.º ano em Coimbra.—3. Sr. dr. Candido de Figueiredo, cuja *Historia de Portugal* acaba de ser publicada e pôde ser considerado um dos nossos melhores livros de ensino.—4. Sr. dr. Samuel Maia, autor do livro *Higiene Cultural*, em que se affirmam mais uma vez os creditos do distinto higienista, e a feição altamente pratica dos seus trabalhos



5. A direção do Albergue dos Invalidos de Trabalho, que comemorou o seu 5.º anniversario em 6 de julho, vendo-se no 1.º plano o presidente da direção sr. Ernesto da Silva, entre o sr. co-



7. O sr. Oscar de Teffé, ministro do Brazil em Lisboa, depois da entrega das credenciaes no palacio de Belem em 6 de julho acompanhado pelo sr. Veloso Rebelo, 1.º secretario da legação  
(Clichés de Benotici)



ronel Correia Barreto, presidente do municipio, e o sr. dr. Daniel Rodrigues, governador civil de Lisboa; ao fundo os srs. Joaquim Alberto Gonçalves, Rocha Dias e Antonio dos Santos.—6. Um aspéto do jantar dos asilados do Albergue.

O sr. dr. Oscar de Teffé apresentou as suas credenciaes ao venerando chefe de Estado que depois de afirmar oficialmente o seu regosijo pelo estreitamento de relações, dia a dia maior, entre os dois povos, esteve falando afetosamente com o illustre representante da grande Republica.





1. D. Manuel de Bragança com sua noiva a princesa Agostinha d'Hohenzollern



2. O casamento do sr. Antonio Eça de Queiroz filho do grande romancista Eça de Queiroz, com a sr.<sup>a</sup> D. Maria Cristina Guimarães Rino e que se realizou em Notre Dame de Paris

O casamento do filho d'Eça de Queiroz com a gentilíssima sr.<sup>a</sup> D. Maria Guimarães Rino, filha do abastado lavrador José Rino reuniu na igreja de Notre Dame grande parte das famílias da colonia portugueza em Paris, sendo muito festejados os nubentes.



3. A' saída da igreja da Conceição Nova.



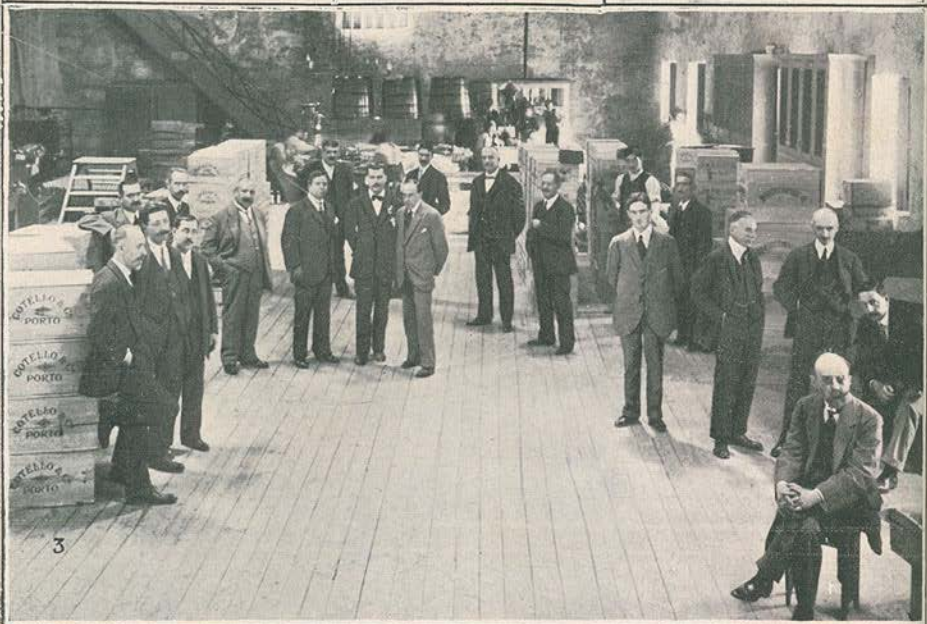
4. Outro aspéto á saída da igreja da Conceição Nova depois das exequias no 2.º aniversario da morte da rainha Maria Pia—(Clichs de Benoliel)



A acreditada casa exportadora de vinhos velhos do Porto e de mesa dos srs. Cotelto & C.ª, estabelecida ha muitos anos em Vila Nova de Gaia, acaba de adquirir em Inglaterra um prodigioso maquinismo de que são autores os srs. I. W. Flower & C.ª, e que permite fazer automaticamente o enchimento e rolhamento de 2400 garrafas por hora, operação que levava, com outros aparelhos, o qua-



druplo do tempo. Um motor da força d'um cavallo, com dois empregados e dois serventes, bastam para essa operação que causou uma grande surpresa nas pessoas que a ella assistiram a convite dos abastados negociantes que constantemente estão introduzindo melhoramentos nos seus vastos estabelecimentos em cujas adegas se armazenam os mais preciosos vinhos e azeites nacionaes.



1. Empacotamento de garrafas.—2. A maquina de engarrar.—3. Representantes da empresa do Porto e convidados que assistiram á inauguração da maquina.

**CABELOS FORTES, ABUNDANTES LIMPOS E SEDOSOS** CINQUENTA ANOS DE CREDITO BEM JUSTIFICADO PERMITE AFIRMAR QUE O

**Tónico Amarello** com sello **Viteri**

Preparado desde 1882 pela **PHARMACIA BARRETO**. — Suspende a queda do cabelo, promove o seu crescimento, dá-lhe flexibilidade e desengordura-o, facilitando o penteado das senhoras. **Regenera a cor primitiva**. Tira a caspa e limpa a cabeça de todas as substancias nocivas ao cabelo. Impede a calvície, conserva os frisados e ondeados. Não contém enxofre. **Frasco 700 réis**. Para fora de Lisboa mais 100 réis para porte e registo. **Deposito geral**

**VICENTE RIBEIRO & C.<sup>a</sup> - 84, R. Fanqueiros, 1.<sup>o</sup> LISBOA**



MEDALHA DE OURO, EXPOSIÇÃO UNIVERSAL  
PARIS 1900



Um perfume fortíssimo de inexcédível aroma n'um frasco muito elegante de cristal finíssimo. Encontra-se em todas as boas casas que vendem perfumarias.

**O passado, o presente e o futuro**

REVELADO PELA MAIS CELEBRE  
CHIROMANTE  
E FISIONOMISTA DA EUROPA



**MADAME BROUILLARD**

Diz o passado e o presente e prevê o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quírmicas, cronologia e fisiologia e pelas applicações praticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambruse, d'Arpenligney, madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe

ocurriram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em teu gabinete: 43, RUA O CARMO, 43 (sobre-loja) — LISBOA. Consultas a 1\$100 rs., 2\$500 e 5\$000 rs.

A Fotografia das côres com as placas

**Autochromes LUMIÈRE**

é mais simples e mais facil do que a fotografia a negro. Reprodução exata de todas as côres da natureza.



**AUTOMOVEIS**

R. 24 de Julho, 56

— LISBOA —

**UNIC**

**Escola Politechnica Frankenhansen** (Allema-nha)  
Construções de machinas geraes e agricolas  
Electrotechnica e architectura

**Cold-Crème Albert Simon**

Com sello **VITERI**. O mais perfeito artigo de toilette, brancueia, perfuma e amacia a pelle. Tira os cravos, pontos negros, borbulhas, cieiro, panno, vermelhidão, etc.

Pote 800 réis. Meio Pote 600 réis. Para fóra acrescem os portes.

— PEDIDOS AO DEPOSITO: —

**VICENTE RIBEIRO & C.<sup>a</sup> — 84, Rua dos Fanqueiros, 1.<sup>o</sup> LISBOA**



# Pneu GOODRICH

Superior ao melhor



**A' VENDA:** Castanheira, Lima & Rugeroni L.<sup>da</sup>, Rocio—Lisboa

LAURENCEL & OLIVEIRA, Rua Andrade Corvo—LISBOA.

MAGALHÃES & MONIZ L.<sup>da</sup>, L. dos Loios, II—PORTO.

ZENHA & C.<sup>a</sup>—BRAGA.

JOSE MARIA DIONIZIO JUNIOR—VIZEU.

AUTO GARAGE GOUVEENSE — GOUVEIA.

AUTO GARAGE—COVILHÃ.

JOAQUIM MANUEL PICÃO FERNANDES—ELVAS.

SIMÕES & FLORIVAL—EVORA.

AGENCIA GERAL DOS PNEUS GOODRICH, Largo de S. Carlos, 5 e 6—LISBOA